



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Caroline Dalabona - Segurança alimentar e nutricional

De acordo com a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional – LOSAN (Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006), entende-se por “Segurança Alimentar e Nutricional” como a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

Mesmo sendo um direito de todos, há muitos que estão tendo esse direito violado, e neste caso se encontram em situação de insegurança alimentar. Segundo dados do II Inquérito de Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da



Covid-19 realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, realizado neste ano de 2022, mais de 30 milhões de brasileiros passam fome.

ENTREVISTA COM: Caroline Dalabona, nutricionista da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança.

O que é insegurança alimentar e nutricional?

O termo insegurança alimentar refere-se a falta de acesso, de disponibilidade de alimentos para a população. Isso, em termos de qualidade e quantidade adequadas para suprir as necessidades dos indivíduos. Então, quando isso

ocorre, quando não se tem disponibilidade e acesso a alimentos, se diz que essa população está em insegurança alimentar.

Como a pandemia agravou ainda mais as principais causas da insegurança alimentar e nutricional?

Sem dúvida, a pandemia trouxe inúmeros desafios que contribuíram para o aumento da insegurança alimentar. Dado de relatório deste ano mostra que mais de 30 milhões de indivíduos passam fome aqui no Brasil. E sem dúvida, isso é reflexo da pandemia. Muitas famílias tiveram a redução da renda; o salário foi insuficiente; muitas perderam o emprego, ou seja, perderam o sustento para comprar aquilo que é mínimo para a família. Também houve o aumento do preço dos alimentos, o que contribuiu para que muitas famílias passassem a viver em situação de vulnerabilidade. E a gente sabe que não faltam alimentos, a gente não tem escassez de alimentos no Brasil, mas sim, está faltando acesso desses indivíduos a alimentos de qualidade e na quantidade suficiente para suprir as necessidades.

Que consequências a insegurança alimentar traz para as crianças principalmente na primeira infância?

A gente está falando de alimentação e nutrição de crianças que estão iniciando a sua vida. A gente fala dos primeiros mil dias de vida. Então, são crianças que adoecem mais, que não conseguem ir para a escola ou têm dificuldades no aprendizado, menor rendimento escolar, têm problemas de saúde e problemas emocionais. Por quê? Porque elas estão sofrendo as consequências de uma subnutrição. O organismo dessa criança não está conseguindo atingir todo o seu potencial de crescimento e desenvolvimento devido a falta de alimentação necessária para isso.

Na sua opinião, que propostas poderiam ajudar?

É uma questão bastante complexa, mas a gente já sabe quais são as necessidades. São políticas públicas voltadas para isso; maior acesso a empregos; às vezes, ajuda financeira; políticas que ajudem a diminuir a desigualdade social e que deixem os alimentos mais baratos. Por exemplo, subsídios à agricultura familiar; subsídios a alimentos saudáveis; enfim, várias questões que de alguma forma podem impactar de uma forma bastante intensa para melhorar situações de insegurança alimentar.

Por outro lado, enquanto lutamos contra a fome e a insegurança alimentar e nutricional, a obesidade infantil aumenta. Qual a relação da obesidade com a insegurança alimentar?

Tem muita relação e a gente está vendo que está aumentando o número de crianças com obesidade. Hoje, o que a gente observa é que há muitas famílias em insegurança alimentar, muitas vezes, elas não têm acesso aos alimentos e se têm acesso aos alimentos, são alimentos que não são saudáveis, são alimentos ultraprocessados que não fornecem a nutrição adequada para o crescimento dessas crianças. Por isso que elas se tornam em insegurança alimentar. E ao mesmo tempo são alimentos que são ricos em gorduras, em açúcares, que podem provocar o aumento do peso dessa criança.

Que maneiras bem práticas existem para que todos possam se alimentar de forma saudável, principalmente as pessoas sem dinheiro para comprar o alimento ou sem terra para cultivar o alimento?

A gente sabe que quem tem fome tem pressa. Então, tudo o que precisa acontecer, precisa ser com bastante urgência. E além das políticas públicas que precisam ser imediatas, a sociedade toda pode contribuir. É o que a gente chama na Pastoral da Criança de redes de apoio, que já acontecem em muitas comunidades acompanhadas pela Pastoral ou onde a Pastoral atua, que é quando localmente, o comércio, instituições, igrejas, indivíduos, associações se unem em prol dessas famílias que mais precisam. Também existem iniciativas como hortas caseiras, hortas comunitárias e mutirões de doações. Enfim, meios há, a gente precisa lutar em conjunto para o bem de todos.

No dia 16 de outubro celebramos o Dia Mundial da Alimentação. Qual é a sua mensagem para esse dia?

Acho que é um importante dia para a gente refletir sobre a situação da alimentação no Brasil, especialmente, sobre esses problemas tão sérios que a gente está enfrentando, como a fome e a insegurança alimentar. É um momento de grandes desafios que exigem a união e os esforços de toda a sociedade para a gente poder combater isso e de uma forma muito rápida. Então, que sirva para a gente entender, refletir e buscar soluções para que todo mundo tenha acesso a segurança alimentar para ter uma vida tranquila e saudável.

Como a Pastoral da Criança colabora na prevenção da insegurança alimentar e nutricional?

Os voluntários da Pastoral da Criança fazem visitas mensais para as famílias nas comunidades e é o momento em que eles conseguem perceber se a família está

passando por alguma dificuldade, se precisa de alguma ajuda. E quando isso acontece, acionam a rede de apoio da comunidade. Além disso, a Pastoral faz o chamado acompanhamento nutricional, que é a avaliação do estado nutricional das crianças por meio das medidas de peso e altura. Então, é o momento em que é possível perceber se aquelas crianças já estão sofrendo algum tipo de agravo nutricional devido à alimentação. E nesses casos, elas também são encaminhadas ao Serviço de Saúde para a atenção. Também a Pastoral passa orientações sobre a alimentação saudável, sobre hortas caseiras e a possibilidade de ter uma horta em casa para enriquecer a alimentação. E tudo isso está disponível no nosso Aplicativo, Aplicativo Visita Domiciliar usado para a visita domiciliar, o Aplicativo Pastoral da Criança e Gestante que você pode baixar no seu celular Android.

(MENSAGEM) Irmã Veneranda da Silva Alencar, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança também participa do programa de hoje.

Por que é tão importante levar as crianças a cada 3 meses para pesar e medir a altura delas?

Um bebê precisa ser cuidado com muito carinho desde a gestação. Depois que nasce, deve mamar exclusivamente no peito até os 6 meses. A partir dos 6 meses, o leite materno continua sendo muito importante e deve ser mantido, mas deve-se começar a introduzir os alimentos complementares na rotina do bebê. E uma forma bem prática de saber se o bebê está crescendo e se desenvolvendo bem é por meio do peso e da medida da altura. Isso é muito importante para evitar que a criança tenha alguma deficiência nutricional ou que desenvolva obesidade.

É nessa fase, da gestação aos 6 anos de idade, que a Pastoral da Criança faz o acompanhamento nutricional.

Nas comunidades de todo o Brasil, os voluntários da Pastoral da Criança pesam e medem todos os bebês e crianças a cada 3 meses, no dia da Celebração da Vida. A partir dessas medidas, desses dados e usando o Aplicativo da Pastoral os líderes orientam os pais ou responsáveis sobre a alimentação saudável, o estímulo à prática de atividades físicas e, se necessário, o encaminhamento para a Unidade Básica de Saúde.

(TESTEMUNHO) Inês Selena Rondon, Líder da Pastoral da Criança de Chapecó, Santa Catarina.

No momento estou com meu filho de um ano e o que eu recomendo para as mulheres que têm filhos de até dois anos é de amamentar.

**(TESTEMUNHO) Irmã Terezinha de Fátima Casarin,
Coordenadora da Pastoral da Criança da Diocese de
Chapecó, Santa Catarina.**

**Que orientações os líderes da Pastoral da Criança dão
para as famílias sobre a importância de uma alimentação
saudável na infância?**

A Pastoral da Criança sempre se preocupa com uma alimentação saudável desde que a criança está no ventre da mãe. A preocupação sempre é com a saúde, com a vida da criança. E o que essa mãe diz, realmente, nós temos muita coisa a confirmar. A criança até os seis meses deve receber só o leite materno. Após os seis meses continua a amamentação até os dois anos e, também, já entra com comida, com alimentação saudável, frutas, legumes, verduras, de preferência uma alimentação bem colorida, uma alimentação saudável e tudo isso, vai só colaborar para a vida e o desenvolvimento saudável desta pessoa. E é isto que a Pastoral pensa. Em valorizar a vida do ser humano, desde a sua concepção até a vida adulta. E começa já desde o início.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1620 - 10/10/2022 - Segurança Alimentar e Nutricional